

FERROL 1916

Cinco duros pagábamos de aluguer.

Era um terceiro andar, bem folgado.

Pola parte de atrás dava para o Campinho,
e por diante para a rua de San Francisco.

No segundo vivia a minha tia aboa:

Tiña unha peza cheia de paxaros disecados

que só abría os días de festa

para que os nenos disfrutásemos nela.

Ainda vivia minha mãe

e todos os meus irmaos viviam,

e em frente trabalhava o senhor Pedro o
tanoeiro,

e a grande tenda de efeitos navais mantinha o
seu trafego.

Na casa tinhamos pombas

e, por suposto, un grande gato mouro;

e o meu pai era novo ainda

e no mar do mundo cada día descubria eu unha
ilha.

Via o mar da minha fiestra,

e chegavam cornetas da marinha.

E baixava os degraus duas veces ao día para ir
à escola,
e duas veces rubia-os de volta.

As mulheres entom usavam capa e *corsé*,

e íamos à aldeia em coche de cavalos,

e a rua estava ategada de pregons de
sardinhas

e de ingleses que vendiam Bíblias.

Eu tinha un pacto con Deus:

que ninguén dos meus morrería.

E o pacto era observado,

e eu confiaba na perenidade do pacto.

Todo isto fica tam longe

que aduro podo ainda lembrá-lo.

Esquecería-o dentro de pouco tempo

se non escribese estes versos.

Ricardo Carvalho Galero